

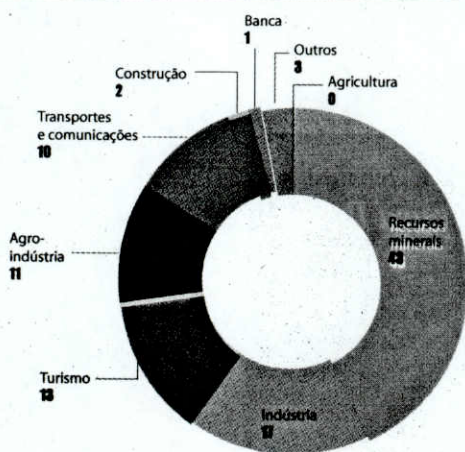
PANO DE FUNDO

Saídos do livro "Desafios para Moçambique, 2010"...

Os desafios que se impõem à ec

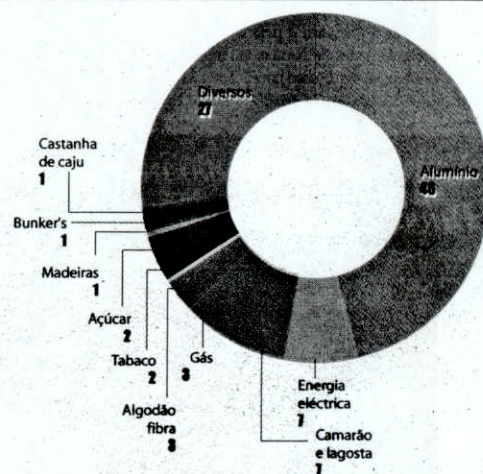
Nos últimos 10 anos, o desenvolvimento industrial, no país, tem eclodido pelos mega-projectos. Um modelo de crescimento económico questionado por alguns académicos

Alocação do investimento privado por sector 2000-2008 (%)



Fontes: INE, CPI, BM

Peso médio das exportações de bens por produto 1999-2008 (%)



Belizário Cumbe
belizario.cumbe@yahoo.com.br

O livro "Desafios para Moçambique, 2010", publicado pelo Instituto de Estudos Sociais e Económicos, IESE, mostra uma deficiência na estrutura da economia de Moçambique. Segundo o documento, no artigo da autoria dos economistas Carlos Nuno Castel-Branco e Rogério Osseman, o carácter centralizado e falta de diversidade são alguns dos elementos que minam a existência de uma economia dinâmica.

O padrão de crescimento da indústria nacional depende, bastante, de um pequeno conjunto de produtos, serviços e firmas e gira a volta do complexo mine-

ral-energético, o que reproduz uma economia extractiva nas suas dinâmicas fundamentais. Por exemplo, nos últimos 11 anos, cerca de 46% das exportações, moçambicanas, foram garantidas pelo alumínio da Mozal. Em igual período, produtos como a castanha de caju e a madeira tiveram uma contribuição de apenas 1%. E acredita-se que este cenário venha a prolongar-se nos próximos anos.

Outra questão levantada, por estes autores, é a forma em que parte importante dos produtos é exportada. O documento indica que dos cinco produtos estratégicos para a exportação, alumínio, algodão, fibra, gás e açúcar, apenas este último é que não é exportado em forma primária, ou seja,

antes do processamento.

O alumínio é exportado em forma de lingote, o algodão em fibra, tabaco em folha e o gás vai directamente de pipeline para a vizinha África do Sul.

BENEFÍCIOS FISCAIS

Mais preocupante ainda é a questão dos benefícios fiscais dados aos mega-projectos. O "Desafios para Moçambique, 2010" revela que de 2002 a 2008, pela isenção do imposto sobre o rendimento das empresas da Mozal, o Estado perdeu 81 milhões de dólares por ano. Ou seja, 486 milhões de dólares em seis anos. Este valor equivale a 8% das receitas fiscais totais no mesmo período. Para este problema, o livro sugere que se renegocie os contratos com os

mega-projectos já estabelecidos que ainda beneficiam de colossais incentivos fiscais, cujo ganho seria a redução substancial da dependência externa e geração de recursos adicionais para diversificar e ampliar a base produtiva, comercial, de investimentos e de distribuição.

O DILEMA DA CONCENTRAÇÃO

O livro apela à descentralização da economia nacional. Os números indicam que de 1990 a 2008, do total do investimento privado, 43% está concentrado na capital do país, Maputo. De seguida vem a província de Nampula com 24%.

A província de Inhambane, a mais pobre do país, está na cauda com apenas 1%. Com a mesma percentagem está Niassa, a pro-

víncia mais extensa e menos populosa.

INVESTIMENTOS VS PRIORIDADES

O livro do IESE avança, também, que durante a última década, ou seja, desde o ano 2000, o país registou grandes avanços na captação de investimento privado. Este cenário desenhou-se com a emergência dos mega-projectos. Porém, cerca de 43%, destes investimentos, foram canalizados ao sector dos recursos minerais, onde operam grande parte dos grandes projectos.

Mas em áreas como a agricultura e banca, definidas pelo Governo como prioritárias, o investimento foi quase nulo, não tendo ultrapassado 1%. Com este carácter, o livro indica que a eco-

PUB

STOCK LIMITADO

APENAS 699 PAUS

Tropigalla

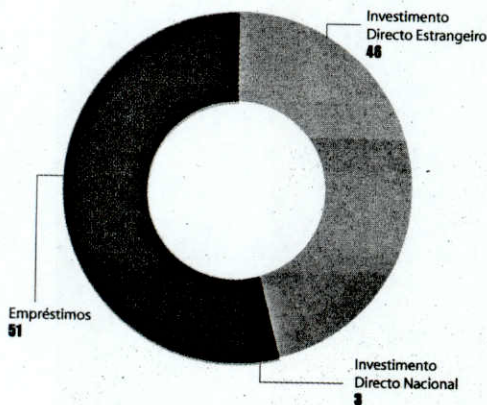
O melhor está aqui!!!

Termos e condições aqui aplicáveis. Promoção válida enquanto houver stock. Chamadas grátis validadas dentro da rede Vodafone. O bônus em crédito tem duração de 7 dias, ao fim desse período, o cliente permanece com o crédito correspondente ao valor da recarga. Para mais informações ligue 84-8767400.

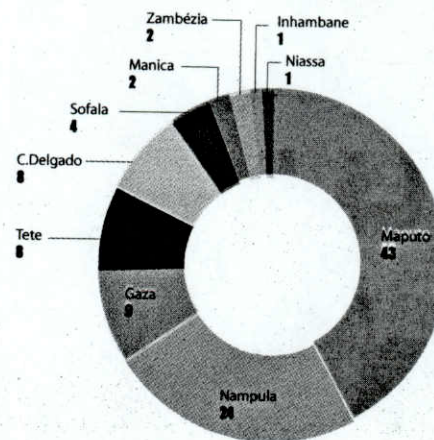
PANO DE FUNDO

conomia nacional em 2010

Proporção do investimento privado aprovado, por fonte, entre 2000-2008(%)



Investimento aprovado por província, 1990-2008 (%)



O livro é para toda a sociedade

O director do IESE, Nuno Castel-Branco, que fez a apresentação geral do livro, disse que o "Desafios para Moçambique, 2010" não foi elaborado apenas para a reflexão do Governo, académicos, trabalhadores e organizações sociais, mas sim para toda a sociedade. Para Castel-Branco, esta série é chamada desafios para Moçambique por várias razões. Por um lado, traz a colectânea de reflexões de desafios em todas as esferas prioritárias para o país. Por outro, os desafios, discutidos no livro, são para Moçambique e não apenas para uma parte de Moçambique.

O livro, cuja produção foi coordenada pelo Conselho Científico do IESE, contém 16 artigos elaborados por uma equipa de 22 investigadores.

Na equipa incluem-se académicos de várias áreas (economistas, sociólogos, juristas, arquitectos, engenheiros, políticos, entre outros), instituições, activistas da sociedade civil, consultores, dirigentes, empresários e analistas de política pública.

Na ocasião, Castel-Branco disse que "Desafios 2011" já está sendo preparado.

nomia fica cada vez mais exposta a flutuações de matérias-primas e demais elementos que interagem no funcionamento das indústrias extractivas. Daí que o livro sugere a transformação das suas características.

POR QUÉ DEVE HAVER MUDANÇAS?

O livro diz que a concentração do crescimento industrial, num único sector, impede a emergência de novas e diversificadas tecnologias no país, o que força a economia a permanecer com um padrão de produção e comércio por falta de incentivos para mudar.

Aliado a este elemento, estão as características estruturais da economia, que a tornam pouco atrac-

tiva ao investimento em sectores não extractivos.

Os actuais padrões de acumulação não são sustentáveis para uma visão a longo prazo. Por um lado, esgotam os recursos e as actividades em que o padrão corrente se baseia. Mais a mais, tendem a dificultar a criação de novas oportunidades e capacidades para o futuro.

E A HABITAÇÃO?

O pesquisador Narciso Matos, a quem coube a apresentação da III parte do livro, sobre "desafios da cidadania, educação e urbanização", disse que nos últimos 30 anos os moçambicanos investiram cerca de um bilião de dólares na reabilitação das suas casas. Trata-se de pessoas que procuraram

substituir as moradias de construção precária por outras de alvenaria. Segundo Matos, estes esforços foram feitos, na maior parte, sem nenhum ordenamento territorial. Daí que o desafio que se coloca é o da aceleração do processo de ordenamento territorial no país. Segundo ele, "as coisas não podem continuar a ser feitas de qualquer maneira".

MOÇAMBIQUE E O MUNDO

O pesquisador Sérgio Chichava, que apresentou a última parte do livro, sobre "Moçambique no mundo: desafios de integração e cooperação", disse que o país devia aproveitar o máximo a emergência de países como a China e a Índia, de modo a acelerar o seu desenvolvimento.

Para Chichava, estes países estão a adoptar um novo paradigma de desenvolvimento. O mesmo que o país devia procurar implementar. Por outro lado, este investigador político disse que a exportação de produtos não processados para o estrangeiro é um grande problema para o desenvolvimento do país, pois deviam ser criadas, a nível nacional, muitas indústrias de processamento, por exemplo, de madeira, que é explorada de forma "abusiva" por chineses nas florestas nacionais.

"Desafios da construção da democrática" é o tema que inaugura o livro, num conjunto de quatro, cuja apresentação esteve a cargo do investigador Salvador Cadete Forquilha. ■

PUB



VODAFONE S305

AINDA GRÁTIS

PACOTE INICIAL

500MT DE CREDITO

SMS

BÓNUS AO LIGAR E ATENDER

CHAMADAS DE BORLA DAS 0:00H ÀS 06:00H PARA OS TEUS BRADAS

REDE COM MELHOR QUALIDADE

voda.com
A melhor rede celular em Moçambique